

traduzindo orides:

UMA ENTREVISTA COM JOAN NAVARRO

Translating Orides: an interview with Joan Navarro

Wanderley Corino Nunes Filho¹

Próximo ao aniversário de meio século da estreia literária de Orides Fontela que ocorre neste ano de 2019, Joan Navarro, tradutor de sua *Poesia Completa* (2018) para o catalão, me concedeu a entrevista via *e-mail*. Na troca de mensagens ocorrida entre os meses de maio e junho de 2018, Navarro discorre sobre seu contato com a literatura brasileira e com a obra oridiana tanto como tradutor como filósofo, formação que, aliás, compartilha com Orides. A entrevista, realizada em espanhol, segue traduzida para o português.

¹ Doutorando em letras pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo.

entrevista

Como é a sua relação com a literatura brasileira, em especial a poesia? A propósito, como se deu o primeiro contato com a poesia de Orides Fontela?

Atualmente mantenho contato com muitos poetas brasileiros, dos quais eu recebo algumas de suas obras. Eu sou editor da revista eletrônica *sérieAlfa*, onde publiquei diversos números dedicados à poesia brasileira atual². Não me recordo precisamente quando entrei em contato com a literatura brasileira. Me lembro de ter comprado em Barcelona no ano de 1973 a *Antología de la poesía brasileña: desde el Romanticismo a la Generación del cuarenta y cinco* organizada por Ángel Crespo. Nesta antologia tive a oportunidade de ler pela primeira vez, por exemplo, poemas de Cruz e Sousa, Manuel Bandeira (um amigo que morou muitos anos no Brasil me presenteou com um exemplar de *Meus poemas preferidos*, de Manuel Bandeira, editado em 1962 da Edições de Ouro, exemplar este ao qual tenho muito carinho), Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Mário Quintana, Vinícius de Moraes, João Cabral de Melo Neto (este que, amigo do poeta catalão Joan Brossa, eu viria a ler também mais tarde em edição bilíngue português-catalão traduzida por Cinta Massip Bonet), etc. Já em 2001, adquiri uma nova antologia, *Correspondencia celes: nueva poesía brasileña (1960-2000)*, organizada por Adolfo Montejo, na qual aparecem poetas como Sebastião Uchoa Leite, Armando Freitas Filho, Roberto Piva, Orides Fontela (onde a li pela primeira vez), Adélia Prado, Ana Cristina Cesar, Paulo Leminski, Carlito Azevedo, Claudia Roquette-Pinto, Joselu Vianna Baptista, Ronaldo Polito, Marcos Siscar. O que me chamou a atenção era a diversidade de discursos poéticos que apareciam. Ao mesmo tempo o enraizamento de alguns poetas na cultura indígena. Me recordo com nostalgia uma belíssima exposição que foi feita no Instituto Valenciano de Arte Moderno (IVAM) de Valencia, onde inaugurou em outubro de 2000 sob o título *Brasil: de la antropofagia a Brasilia — 1920-1950*. Em especial a seção *Tupi or not tupi: el grito de guerra en la literatura del Brasil Moderno* a qual vinha precedida do texto de Oswald de Andrade: “Precisamos desverspuciar e descolombizar a América e descabralizar o Brasil (a grande data dos antropófagos: 11 de outubro, isto é, último dia de América sem Colombo)”. Há uns anos o poeta Marc Granell, em uma viagem a Lisboa, comprou este

² Ver números 14, 38, 51 e 63: <http://seriealfa.com/alfa/indexalf.htm>

livro para mim: *Antologia da nova poesia brasileira* de Fernando Ferreira de Loanda, publicado pela Livraria Moraes Editora, no ano de 1967. Dentre os poetas antologizados estão Ferreira Gullar, Lêdo Ivo, João Cabral de Melo Neto... Parece que as antologias não pertencem aos poetas, mas àqueles que a antologizam...

O primeiro contato extenso (antes já tinha lido alguns poucos poemas seus na antologia de Adolfo Montejo que citei) que tive como a poesia de Orides Fontela foi em 2007, no quadro do Festival Tordesilhas celebrado em São Paulo. Foi tudo uma pura casualidade. Um dia fui à Livraria Cultura da Avenida Paulista para comprar livros de poetas brasileiros, e, entre outros volumes, adquiri a *Poesia reunida*, editada no ano anterior pela Cosac & Naify e 7letras. Ali começou a aventura. Foi na segunda leitura que realmente me surpreendeu sua poesia tão luminosa e escura ao mesmo tempo. Seu poema "Coruja" me impactou muito. Ela construía um discurso poético que me interessava tanto como poeta como estudioso de filosofia. Principalmente a nitidez de suas propostas, a simplicidade (aparente) de seu discurso.

Em 2010 você editou *Esfera, uma antologia* de Orides Fontela para o catalão. Quais os critérios que pautaram esta seleção?

O critério foi o de oferecer uma ampla mostra de sua obra. Para que os leitores em catalão tivessem um primeiro contato um pouco mais amplo do que o de algum poema que já havia sido traduzido para o catalão. Foi uma antologia que a editora quase manteve escondida e que não foi dada a conhecer como era sua obrigação. Algo que não tem ocorrido com a edição de sua *Poesia completa*.

Pode-se dizer que era uma "antologia pessoal". Escolhi aqueles poemas que me encantaram e que pertenciam a livros diferentes. Houveram outros tantos dos quais gostei e que não compuseram a antologia. Tive que deixar alguns de fora para que a amostragem fosse a mais ampla possível. Acredito que se estivesse viva, Orides Fontela teria gostado deste título. Talvez porque expressa completude: um mundo, o seu. No poema "Prece" do livro *Teia*, ela invoca: *Senhora / das feras / e esferas // Senhora / do sangue / e do abismo // Senhora / do grito / e da angustia // Senhora / noturna / e eterna // – escuta-nos!*. No poema "Figuras" aparece de novo como título de uma de suas partes: *c) esfera / O mundo / preciso // o mundo / conciso / o espaço concreto / o tempo*

perfeito / a presença íntegra // o infinito / lúdico. Creio que a palavra “esfera” apareça em dois outros poemas.

Oito anos mais tarde é lançada a *Poesia completa* no mesmo idioma. Salvo engano, se trata da primeira edição em língua estrangeira a reunir os cinco livros da poeta. Você poderia falar um pouco do interesse em torno deste projeto?

É um orgulho pessoal ter sido os primeiros a editar a obra completa de Orides em uma língua estrangeira, de verdade. Nunca tinha pensando nisso. Sabia da existência de alguns poemas seus, inclusive de algum de seus livros, editados em outra língua. Antes de oferecer ao editor da *Poesia completa* em catalão, eu havia entrado em contato com um editor em espanhol. Mas por fim, depois de mais de dois anos de espera sem resultado positivo, ofereci a Josep Cots, editor de Edicions de 1984. Esta editora já havia publicado diversos volumes de obras completas de autores e em outras línguas, tais como como Lluís Solà, Óssip Mandelstam, Blai Bonet, Anna Akhmàtova... Publicaram uma *Antologia de la poesia brasileira contemporània* (Sebastião Uchoa Leite, Roberto Piva, Francisco Alvim, Armando Freitas Filho, Orides Fontela, Leonardo Fróes, Eudoro Augusto, Cacaso, Duda Machado, Afonso Henriques Neto, Paulo Leminski, Júlio Castañon Guimarães, Ana Cristina César, Angela Melim e Régis Bonvicino).

Quando li a *Poesia reunida* de Orides, pensei desde o primeiro momento que era uma poeta que os leitores em catalão teriam que conhecer. Que mesmo que fosse “uma poeta de culto” no Brasil, aqui também devemos ter a oportunidade de lê-la extensamente. Por isso que elaborei primeiro a antologia que foi publicada com pouca ou nenhuma repercussão. Aproveitando que eu já tinha entrado em contato profundo com a poeta, tentei conseguir que pelo menos um de seus livros fosse editado em espanhol. Mas o que tem que acontecer, mais cedo ou mais tarde, acaba acontecendo. E foi assim. Por uma sequência de coincidências, a primeira, o fato de ter visto e comprado sua *Obra reunida* em São Paulo, antecedia a outra coincidência de ter sido convidado ao festival Tordesilhas, que antecedia a outra de ter entrado em contato com Eduardo Strerzi que coordenou o primeiro número monográfico de jovens poetas brasileiros, etc... Faltava outra coincidência que foi o meu encontro com o editor Josep Cots, e

oferecê-lo a editar a *Poesia completa* (já que havia surgido outra nova edição com poemas inéditos que haviam sido encontrados e que a Hedra publicou) e do posterior aceite de editá-la...

Fizemos duas apresentações do livro, uma em Barcelona e outra em Valencia, com a leitura de seus poemas em português, aos cuidados da escritora brasileira, autora do prólogo do volume, Veronika Paulics, e minha em catalão. E as respostas do público foram de entusiasmo e de interesse pela sua obra. E de agradecimento por ter possibilitado entrar em contato com sua poesia.

Embora bastante aclamada no Brasil, seu círculo de leitores era praticamente restrito ao público universitário. Nos últimos anos de vida, Orides manifestou o interesse de abertura quanto aos seus leitores. Embora seja recente a tradução da *Poesia Completa*, como você avalia a circulação da obra oridiana no exterior? Você enxerga um perfil específico de leitores desta obra?

O público a que se dirige esta tradução é a de poetas e leitores de poesia, como não poderia ser de outra maneira. É curioso que não exista em Portugal nenhuma edição de sua obra. Este volume é um volume de um longo percurso. Pouco a pouco irá ser objeto de leitura e será uma das obras de referência de peso da editora. Para o mês de setembro já está preparada uma nova leitura de poemas em Barcelona no marco da "La setmana del llibre en català"; em novembro outra em uma das bibliotecas de Barcelona, a Xavier Benguerel... O fato de publicar sua obra completa possibilita a entrada nos departamentos de português das universidades de âmbito catalão e peninsular. Em concreto sabem de sua existência no departamento de português da Universidad Autònoma de Barcelona.

A poesia de Orides Fontela, embora muito econômica em seu repertório imagético, é bastante densa e reflexiva. Quais os desafios que se apresentaram durante o processo de tradução?

Os textos de Orides contêm as vezes jogos internos impossíveis de traduzir. E alguma outra palavra de múltiplos significados nos quais teria de me arriscar na tradução. Eu concebo a tradução como uma ajuda para entender o texto

original, não como uma recriação do original. A verdade é que os desafios foram sendo superados pouco a pouco com a ajuda de leitores brasileiros de Orides. Com a internet, o mundo da tradução se modificou enormemente, e nem sempre para o mal... Agora me recordo de um poema:

Um deus
olho
ôlho no
ôlho.

Aqui a poeta joga com o verbo e o substantivo, “ôlho” e “olho”. Esse jogo se perde em qualquer tradução, seja para o espanhol ou para o catalão (“ojo” e “ver”). A solução adotada foi traduzi-lo assim:

Un déu
miro
fit a
fit.

Un dios miro de hito en hito: Aqui o jogo se mantém no campo da semântica, mas não da morfologia.

Visto que Orides, assim como você, se graduou em filosofia, como você enxerga o peso desta formação filosófica em sua obra poética?

Nota-se que quem escreve os poemas é uma pessoa que entrou em contato com a filosofia, e que em certo sentido alguns poemas são filosóficos. Mas de um tipo de filosofia que move o leitor a refletir. Uma das coisas que mais me atraem em sua poesia é a simplicidade e a profundidade de muitos de seus poemas. É uma poesia sublime e terrestre ao mesmo tempo. E com uma forte carga de consciência de classe em alguns de seus poemas. No que diz respeito a minha poesia, ela também está atravessada por minha formação filosófica. Há um olhar, um modo de dizer que denota ter estado e estar em contato com essa maneira tão particular de ver o mundo que tem a filosofia.

O poema “Núcleo” seria um exemplo de poema “material” (terra, pedra, diamante), que desemboca na “imaterialidade” da “palavra” áspera... O poema “Torres” combina a abstração do trabalho poética com a luta diária na construção da realidade. Em “Múmia”, nos fala do nada a partir do envolvimento do material que envolve as múmias, o nada. Não há nada depois da vida. No poema “Repouso”, filosofa, a partir da rosa, daquilo que constitui a rosa, que não é outra coisa que o “ser” permanente frente ao devir. No poema “Antártida” não se limita a falar da brancura da paisagem; está descrevendo estados internos dela mesma, sua absoluta solidão, seu isolamento do mundo que a rodeia. Entre o mundo e ela estão as palavras que nomeiam ambos. Em “O coração (Pascal)” ela lida com o aforismo de Pascal: “O coração tem razões que a razão não conhece” e o transforma em um poema inquietante. Em “Semeio sóis” paira sobre a matéria, ainda que afunde seus pés na terra para semear. Mas não se importa com a colheita porque o importante é o caminho (imaterial)... Em “Newton (ou a gravidade)” volta a utilizar a matéria (e neste caso a gravidade newtoniana) para falar de seu afundamento abismal em si mesma. E finalmente no breve poema “A vida é que nos tem: nada mais / temos”, com poucas palavras faz saltar pelos ares nossa concepção da vida...

A pátria de Orides era a poesia, a linguagem com que a construímos. Ela não era uma poeta de meio período. Era poeta o dia inteiro. Por isso não pôde trabalhar como professora porque não suportava “perder” o tempo com as crianças. E era uma mulher de origem humilde e pobre. E não podia se dedicar exclusivamente à poesia porque tinha que comer, pagar aluguel, etc. Embora ela sempre tenha levado uma vida modesta, precisava de pouco para viver. Sabia que era pobre e tinha consciência disso. E se rebelava por não ter resolvido a vida material para se dedicar a ser ela, que era ser poeta, não poetisa. Portanto, não tendo renda suficiente para viver, ela vivia com renda mínima. Sua consciência de classe que se refletia em algum dos seus poemas, como em “Pirâmide”:

Ei-la
 dor de milhares força
 de humanidade
 anônima

(do faraó
nem cinzas).

Também em “Herança” mostra sua origem humilde, a qual não renega.

Da avó materna:
uma toalha (de batismo).

Do pai:
um martelo
um alicate
uma torquês
duas flautas.

Da mãe:
um pilão
um caldeirão
um lenço.

E também em

O ARISTOCRATA

O selvagem não
aprende
o selvagem não
se emenda
o selvagem não
se curva

(o mitológico selvagem).

Ela era “uma selvagem” que se negou a ser “domesticada”, e por conta disso ela se transformou em uma aristocrata.

Joan Navarro (Oliva, La Safor, País Valencià, Espanha, 1951), é professor de Filosofia em uma Escola Secundária há 36 anos. Em 1973, ganhou o prêmio de poesia Vicent Andrés Estellés no October Awards com o livro *Grills esmolen ganivets a trenc de por* (Tres e Quatre, 1974). Llibres del Mall, publicado em 1975, *L'ou de la fosca hen*. Em 1979, publica a plaquette *Vaixell de folls* em Septimomiau. Em 1981 ganha a Viola d'Or i Argent dos Jogos Florais em Barcelona com *Coltell al cap* e Llibres del Mall publica *Bardissa de Foc*. Tres i Quatre edita *La paüra dels crancs* no ano de 1986. Traduz para o catalão *Amado mio* de Pier Paolo Pasolini que é editado por Llibres del Mall. Com Octavi Monsonís traduziu para o catalão *Ossos de sípia* de Eugenio Montale (Gregal, 1988) e ganha o prêmio Cavall Verd de tradução poética em 1989. Em 1991 publica a novela *Drumcondra* (Eliseu Climent, editor). Edicions de la guerra edita *Tria personal: 1973-1987* em 1992. Em 2004 publicou *Magrana* em Brosquil e em 2005 recebeu o Critics 'Award dos escritores valencianos. Em 2007 *Sauvage!* sai editado por Le Nœud Des Miroirs (Caminel, França) com tradução francesa de Amparo Salvador e Adela Gato. Em 2008, publicou com o pintor Pere Salinas seu primeiro trabalho conjunto *Atlas (Correspondência 2005-2007)* em uma edição bilíngue com tradução espanhola de Lola Andrés na editora Tandem, o qual recebe o prêmio Valencian Generalitat para o melhor livro publicado no período entre 2008 e 2009. Em 2010 vence o II Premi Carles Salvador da UPV com o livro *A deslloc* (Editorial Denes, 2010). Nesse mesmo ano publicou o segundo trabalho conjunto com o pintor Pere Salinas *Grafies-Incisões* (Editorial Editilde, 2010), com a tradução dos textos para o espanhol (Octavi Monsonís), português (Elisa Andrade Buzzo), francês (Adela Gato) e inglês (Pilar Segarra). Em 2012 a versão portuguesa do *BWV 988* publicada em São Paulo pela Dulcinéia Catadora sai no Brasil, em 2013, a segunda. Em 2014, publicou o terceiro trabalho conjunto com o pintor Pere Salinas, *O: Llibre d'hores* (Edições 96), que recebeu o Prêmio Escritores Críticos de 2015 em Valência, que inclui a tradução dos textos para o espanhol (Joan Navarro), para o português (Joan Navarro e Veronika Paulics), francês (Dolors Català), inglês (Pilar Segarra) e italiano (Beppe Fiorelli). Em novembro de 2014, ganhou o Prêmio de Poesia LII Ausiàs March de Gandia com o livro *El plom de l'ham* (Edicions 62, 2014). Em abril de 2015, ele publicou com Lila Zemborain e Pere Salinas *Llum Cinabri*

| *Calma tectònica* (La Garúa Libros - Tanit). Em março de 2018, aparece sua tradução da *Poesia Completa* de Orides Fontela, publicada pela Edicions de 1984. Em 2010, ele já havia publicado uma antologia sua, *Esfera Uma antologia* (Tres i Quatre). Ele também traduziu Majela Colares, *Margeando o caos* para o catalão | *Vorejant caos*, (Confraria do Vento, 2013) e Antônio Moura, *Depois do diluvi i altres poemes* (Edições 96, 2013). Tradutor para o espanhol da poetisa brasileira Elisa Andrade Buzzo, *Notícias de ninguna parte* (México, Limón Partido, 2009), *Canción retráctil* (La Cartonera, Cuernavaca, Morelos, México, 2010) e *Vário som* (Patuá, São Paulo, 2012). Também traduziu para o espanhol *13 + 1 poemas*, de Tarso de Melo, para a revista eletrônica Peru Vallejo & co. Ele apareceu em várias antologias, entre as quais estão *Carn fresca* (Amadeu Fabregat. L'Estel. València, 1974). *Les darreres tendències de la poesia catalana 1968/1979* (V. Altaió/J.M. Sala-Valldaura. Laia. Barcelona, 1980). *La nova poesia catalana* (Joaquim Marco y Jaume Pont. Edicions 62. Barcelona. 1980). *Katalonska Lirika Dvajsetega Stoletja* (Niko Kosier y Janez Menart. Cankarjeva Založba. Ljubljna, 1982). *Il Pomerio* (Gianni Scalia. Elitropia. Reggio Emilia, 1983). *Poesia catalana contemporània* (Nao Sawada y Felícia Fuster. Edicions Shichosha. Tòquio, 1991). *He decidido seguir viviendo...* (José Brú y Jorge Souza. Universidad de Guadalajara, México, 2004). Participou do Festival de Poesia Tordesilhas - Ibero-americana Contemporânea, realizada em São Paulo de 30 de outubro a 4 de novembro de 2007. Em fevereiro de 2009, conversou com a poeta Anna Montero na série de poesia KJCC organizada por Lila Zemborain na Universidade de Nova York. Alguns de seus poemas foram traduzidos para espanhol, italiano, alemão, basco, esloveno, japonês, hebraico, inglês, português e francês. Em agosto de 2011 edita na revista mexicana *La Otra* uma pequena antologia de poetas em catalão, *El destino es un poema alucinado que no existe todavía: Una cierta poesía en catalán*. Em fevereiro de 2012 ele leu seus poemas na Casa da Escrita de Coimbra (Portugal) com a poeta brasileira Lígia Dabul. Em abril de 2012, editou na revista brasileira *Zunái A luz nadadora. 9 poetas recentes de expressão catalã*. Em novembro de 2012, leu seus poemas na Casa do poeta Ramón López Velarde no México, D.F. e no antigo convento de Santa Rosa de Viterbo em Santiago de Querétaro, QRO, México. Participou também do Encontro de Revistas e Suplementos Culturais da Região Centro-Oeste, realizado em Querétaro com a conferência: *sèrie Alfa: el no-lugar, o sí*. Nos dias 20 e 21 de setembro de 2013 participou da 2ª edição do Raias Poéticas. Em 2015, publicou uma coletânea de poemas na revista digital

peruana Transtierros. Em 16 de setembro de 2016 se apresentou com Lila Zemborain Llum Cinabri | Calma tectónica en la McNally Jackson Books, em Nova York. Participou da quinta edição de Raias Poéticas. Afluentes Ibero-Afro-Americanos de arte e pensamento em Vila Nova de Famalicão - Portugal -, nos dias 7 e 8 de outubro de 2016 com a apresentação "Somos animais do Imperador extraviados no bosque dos signos".